



Dércio Munhoz e João Maia não confiam no Governo

Maia sugere reforma fiscal

“Medidas audaciosas são para um Governo forte”, acrescentou João Maia. O ex-Secretário Executivo do CIP arrisca um conselho: “A melhor coisa que o Governo tem a fazer agora é nada, ou o menos possível.” E o menos possível, observou Maia, é a reforma fiscal. Não esta assinada pelo Presidente José Sarney, mas outra, mais ampla e capaz de provocar uma redistribuição de renda, ainda que pequena.

A saída menos dolorosa para Maia estaria na reforma tributária, se ela não tivesse sido bombardeada por segmentos do Governo. Do jeito que está, disse, o pacote vai aumentar impostos para os assalariados e não resolverá o problema das contas públicas.

O Governo, na opinião de Maia, não gasta muito, gasta mal. Por isso, ele deveria enxugar a máquina administrativa, mas manter os investimentos e os gastos no setor social no País.

Professor de macroeconomia da Universidade Federal Fluminense e filiado ao PMDB, Maia afirma que não existe obra de engenha-

ria econômica sustentável em um Governo sem credibilidade, por isso, as alternativas que estão à mão — congelamento de preços e indexação plena da economia (a chamada Otnização) — vão provocar uma recessão ou uma hiperinflação, ou as duas.

Modiano pensa do mesmo jeito, mas tem uma sugestão mais ambiciosa para recolocar a economia do Brasil no caminho do crescimento auto-sustentado. A solução passaria por um programa de estabilização com os seguintes ingredientes: ajuste fiscal, mais significativo do que o apresentado pelo ex-Ministro da Fazenda Bresser Pereira; um acerto externo, incluindo renegociação plurianual da dívida brasileira, novos empréstimos e investimentos diretos.

Tudo centralizado em torno de um pacto de desindexação ampla, reunindo trabalhadores, empresários e o Governo. Este acordo deveria prever um aumento de salário real na economia, sem que isso provocasse pressões sobre a inflação.